

A internet como meio de divulgação da ciência

Internet as a mean to communicate science

O leitor deve estar recordado do último editorial onde teci alguns comentários acerca das questões ligadas à publicação, revisão por pares dos artigos submetidos e do novo desafio que é a publicação electrónica. Deve também recordar-se dos meus comentários quanto aos vizes introduzidos pelas políticas editoriais quanto à aceitação de artigos para publicação.

Nomeadamente referi o facto de a disponibilização electrónica dos artigos poder permitir uma maior democraticidade no processo de revisão.

Nesta nova era da informática a Saúde Mental, pioneira em projetos inovadores, não vai deixar de aproveitar as grandes potencialidades que o mundo da *web* oferece para, mais uma vez, avançar para um processo inovador.

Em primeiro lugar, em 2008, a Saúde Mental vai apenas ser editada em formato electrónico. Para quê? Para chegar a um maior número de leitores, quer em termos nacionais quer em termos internacionais, para aumentar a interactividade entre o leitor e o produto disponibilizado, para introduzir um novo mecanismo de controlo da qualidade dos artigos publicados.

Esse novo mecanismo não se baseia na revisão por pares mas nos juízos dos leitores. Como já referi no editorial anterior isto não significa que a revisão por pares seja uma solução desadequada. Pelo contrário, esta nossa proposta segue a tendência para aumentar o número de revisores: desde o editor do séc XVII como revisor único, até a alguns revisores do século passado, propomos que todos os leitores funcionem como revisores. Isto sem eliminar, de todo, o processo de revisão por pares escolhidos pelo editor, os quais poderão fazer a revisão dos artigos seleccionados com base na opinião dos leitores.

De uma maneira geral esta proposta pode ser vista como uma forma melhorada de disseminação da informação técnico-científica, mais propriamente como uma melhoria da democraticidade do processo de publicação de artigos.

Propomos então um novo modelo para o processo de submissão, revisão, publicação de artigos ou de *e-printings*. Pretende-se com este método tornar a comunicação científica mais automática mantendo, ao mesmo tempo, a qualidade dos artigos científicos.

No essencial, esse modelo consiste na publicação *on-line* das submissões que nos chegam sob a forma de pré-publicação. Neste formato, o nome do autor é omitido. Cada artigo em pré-publicação tem acoplado uma grelha de cotação segundo os seguintes parâmetros — tema, metodologia, resultados, escrita, inovação — segundo uma escala de Likert de 0-5 pontos. Os leitores poderão cotar o artigo e é aberta a possibilidade de enviarem comentários sobre o artigo para a

editora. Estes comentários são públicos e são enviados para o autor. Só serão considerados os comentários assinados e identificados pelo seu autor. Isto decorrerá durante um período de tempo predefinido. O autor terá, então, a possibilidade de reagir a esses comentários, quer inserindo as achegas que entender convenientes ou recusando-as com justificação. Após isso o autor reenvia o artigo para submissão o qual será avaliado por um membro revisor do Conselho Científico. Este basear-se-á não só na sua opinião de “*expert*” mas também nos comentários dos leitores e na cotação atribuída. O artigo chega então à fase de publicação tendo sempre acoplado um valor que designa a cotação que lhe foi atribuída. Este processo será também alvo de uma formalização matemática na qual as diferentes cotações serão ponderadas por factores que fazem diferenciar o tipo de leitores e a cotação que atribuem. Por exemplo, um leitor de uma área científica completamente distinta que envie uma cotação ao artigo, essa cotação será pesada por um factor de correcção que entra em linha de conta com o facto de esse leitor não ser “*expert*” naquela matéria. O mesmo acontecerá para outro tipo de leitores. Dito de outro modo, a cotação final de um artigo será a média pesada por factores de correcção, das cotações parcelares desse mesmo artigo.

Deste modo podemos considerar existir uma série de atractivos e um leque alargado de interesses para a leitura de um artigo. Um leitor pode escolher ler um artigo pela sua pontuação, pela sua temática ou em razão de alguns comentários que lhe foram feitos.

Um componente importante do actual sistema de publicações é o prestígio e o reconhecimento. Como se pode incorporar isto no sistema agora proposto? Num mundo ideal os investigadores apenas comunicariam entre si e o prestígio – “*impacto*” – não seria relevante. O sistema de publicação em papel contém em si próprio medidas de qualidade e de impacto. Neste sistema agora proposto, a qualidade será determinada pelas cotações e pelos comentários dos leitores que, como disse, parece-me ser o meio mais democrático possível, já que todos podem “votar” com cotações e comentários. Já o impacto será analisado de maneiras diferentes. A maneira mais simples será a contagem do número de vezes que o artigo é acedido, metodologia que o nosso sistema já possui. Uma outra maneira será próxima da citação. Num sistema com hipertexto é fácil ver quantas vezes uma comunicação ou artigo é referenciada e de facto acedida. Quanto maior for o número de vezes que um artigo for referenciado e acedido, maior (presumivelmente) será o impacto. De qualquer modo o modelo é, por diferentes vias, mais ajustado e adequado do que o que existe para os artigos avaliados por juízes.

Para além disso há outras vantagens, nomeadamente a de oferecer um meio mais adequado para se lidar com a actual intoxicação de informação. O leitor que queira analisar apenas “bons” artigos ou artigos que estejam a ser lidos por muita gente, pode facilmente colocar um filtro para esse fim. Por exemplo, filtrar os artigos com uma pontuação superior a 2-3 pontos ou os que são lidos por mais de 50 pessoas por semana.

A falência aparente das actuais revistas científicas em formato electrónico deve-se ao facto de terem simplesmente transformado o formato impresso em formato electrónico, em vez de terem criado um novo formato, mais atractivo e mais poderoso. Para além disso, a natureza das possibilidades electrónicas permite ultrapassar o conceito de número de revista e mesmo de volume para nos redireccionarmos para um outro modo de transmissão da informação – o artigo ele próprio. Deste modo afastamo-nos na noção clássica de revista científica, aproximando-nos da noção de partilha de informação científica entre uma determinada comunidade. De alguma forma a noção que hoje temos de “artigo” ou “publicação” terá de ser revista.

O modelo permanente e quase impossível de modificar dos artigos das revistas impressas poderá ser substituído, com o formato agora proposto, por um modelo mais interactivo e progressivo. Isto é, como os comentários ao artigo serão recebidos e novas análises podem ir sendo sugeridas, os autores poderão proceder a alterações em tempo real no seu artigo, aproximando-se este processo do que está na base da construção do conhecimento científico. No limite, os investigadores em vez de preencherem o corpus da literatura com os seus artigos, como acontece agora, eles poderão construir a sua comunicação científica com a colaboração dos seus pares. A tecnologia electrónica da *web* utiliza uma linguagem que permite que o artigo tenha alguns termos destacados no texto que podem, se clicados, enviar o leitor para outros textos sobre esse tema, ou mesmo para os dados armazenados de uma determinada investigação ou para um vídeo com o autor a justificar a importância do seu artigo. Assim, a construção de uma comunicação científica pode ser vista mais facilmente na rede da informação total dentro de uma determinada disciplina científica.

Em suma, comparando com o sistema de papel impresso, as facilidades da informação global tornará mais rápida a difusão dos achados científicos, os custos baixarão e essa distribuição será mais equitativa. Para além disso, se tivermos a colaboração dos nossos leitores como temos tido até aqui, este novo formato vai aumentar em muito as trocas de informação e de opinião entre os leitores. Mais ainda, com a rápida expansão da Internet, os clínicos e investigadores de países em desenvolvimento, nomeadamente da lusofonia, terão acesso a informação científica que, pela via do papel, nunca teriam.

Esta proposta não está isenta de problemas. Desde logo, temos que nos questionar se o modelo democrático será uma boa abordagem para a disseminação do conhecimento científico. Uma opinião objectiva é difícil de ser obtida: poderá ser apropriada, apenas apropriada em determinados domínios científicos ou não apropriada de todo. Contudo, penso que só avançando com a experiência se poderá ter uma opinião objectiva, muito embora o modelo aqui proposto não seja um modelo estritamente democrático, dado que diferentes leitores terão importância diferente na cotação do artigo. É evidente que estamos conscientes da possibilidade de existirem alguns mecanismos maliciosos para aumentarem a cotação dos artigos. Por isso mesmo temos mecanismos que permitirão sanear essa hipotética situação, nomeadamente o conhecimento das pessoas que acedem aos artigos e a possibilidade de os contactar no sentido de refrear alguma intenção menos clara (por exemplo, o mesmo leitor ou o próprio autor aceder muitas vezes ao artigo para aumentar a sua cotação).

Caro leitor, continuarei a contar consigo para que este projecto, agora em transformação, tenha o sucesso que o que lhe deu origem também teve ao longo destes 9 anos de existência.



João Marques Teixeira